

## GEOGRAFIA POLÍTICA/GEOPOLÍTICA CLÁSSICA A PARTIR DE UMA DINÂMICA EM SALA DE AULA

Helio de Araujo Evangelista - UFF

helioevangelista@hotmail.com

### RESUMO

O presente trabalho versa sobre uma prática de ensino referente à geografia política em sala de aula. A experiência abordada envolve vinte seis anos e sinaliza o quanto, no caso brasileiro, a disciplina veio recuperando espaço nas grades curriculares do ensino superior, assim como, o quanto o seu objeto de análise mudou, assim como a sua própria forma de abordagem se alterou. Assim, de uma trajetória de quase trinta anos relacionado ao tema venho aqui trazer algumas reflexões sobre o ensino da geografia política.

**Palavras-chaves:** geografia política, geopolítica, sala de aula, ensino, didática.

### *Trajetória*

Venho dando aula de geografia política ou geopolítica, nomenclatura que depende da grade adotada pela instituição, desde 1986.

Naquele tempo ainda tínhamos a vigência da guerra fria. A questão da guerra, particularmente da terceira guerra com caráter nuclear era corrente. Assim, pela reflexão sobre geografia à luz do teatro de guerra me inicio na geografia política. <sup>1</sup> Inclusive, na falta de uma bibliografia em profusão promovida por acadêmicos brasileiros à época, a sistematização de minha visão sobre a disciplina ocorreu a partir de obras editadas pela Biblioteca do Exército (Bibliex). <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar antes desta experiência de sala de aula cursei uma cadeira de graduação em geografia política com a professora Lia Machado, além da convivência como orientando da professora Bertha Becker que muito ajudou na minha abertura para este campo da geografia. Mas o fato de terminante foi o de começar a dar aula num curso superior na Fundação Educacional de Duque de Caxias em município de mesmo nome a partir de 1986.

<sup>2</sup> Na época, com poucos recursos, tendo que passar pela Central do Brasil no intuito de pegar um ônibus para Duque de Caxias, antecipava meu horário e passava antes no prédio vizinho da Central que foi a antiga sede do exército brasileiro que tinha a editora acima mencionada, e correspondente livraria, assim como uma biblioteca. Assim, lia e adquiria livros da Bibliex e por este meio sistematizei uma história da disciplina, exposta no seminário - O novo mapa do mundo realizado na Universidade de São Paulo e coordenado pelo prof. Milton Santos em 1992.

Passei a dar aula todo semestre no curso de geografia promovido pela Fundação Educacional Duque de Caxias (FEUDUC/RJ). Nela passei a me ocupar como poderia tratar a diferença entre Geografia política e Geopolítica. Para tanto estabelecia uma espécie de diferença entre uma corrente que propugnava pela não diferenciação (Bertha Koiffman Becker e Yves Lacoste) e aqueles que defendiam a diferença, no geografia brasileira esta corrente tomou forma com o trabalho de José William Vissentini e Wanderley Messias da Costa, o que não deixa de conformar uma escola paulista sobre o tema.

Ainda, neste período, passei a tratar da geopolítica brasileira, até porque os livros da Bibliex que consultava tratava correntemente deste tema. Nesta discussão da geopolítica brasileira destacavam-se o Golbery Couto e Silva e o também militar Octavio Tosta. Nesta corrente chamava a atenção a discussão sobre o tamanho e a unidade do território brasileiro. Assim, com o tempo, ainda mais que em 1991 a entidade FEUDUC constituiu uma pós-graduação *lato sensu* na qual dava cadeira de geopolítica, vim a desmembrar a abordagem em Geopolítica propriamente dita e a Formação territorial brasileira.

À época minha percepção sobre geopolítica, tendo em conta minhas leituras na Bibliex é apresentada abaixo.

A palavra geopolítica, segundo Octávio Costa, foi aplicado, pela primeira vez, numa conferência realizada, em 1899, por Juan Rudolph Kjellen ( 1864-1922 ). Mais tarde, em 1910, ele elaborou melhor o conceito na obra **O Estado como forma de vida**. Nesta, ele chegou a definir a Geopolítica como a ciência que estuda o Estado como um organismo geográfico.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> TOSTA, Coronel Octavio - "Conceito de Geografia e de Geopolítica". Teorias Geopolíticas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984, p. 24.

Kjellen, professor de Direito Político na Universidade de Gotemburgo ( Suécia ), entendia que o desenvolvimento do Estado articulava-se com dois fatores principais - meio natural e raça, e três secundários - a economia, a sociedade e o governo . ( CASTRO, Teresinha de et CARVALHO, Delgado de - "Geografia Política e Geopolítica". Boletim Geográfico nº 133, Rio de Janeiro : IBGE, 1956, p. 386 )

Para análise desses fatores, Kjellen aplicou as seguintes disciplinas: a ) Demopolítica - estudo político do povo como nação ; b ) Sociopolítica - exame da sociedade do ponto de vista de sua repercussão política; c ) Cratopolítica - estudo da política de governo; d ) Ecológica - estudo da atividade econômica; e ) Geopolítica - estudo dos fenômenos políticos influenciados pelo solo. ( Idem, pp. 306-307 )

Logo se percebe que a preocupação de Kjellen não era propriamente com a Geografia, mas sim, com o Direito, mais especificamente, com o Estado.

Kjellen ( 1844-1904 ) procurou na doutrina de Ratzel compreender o Estado, ele extraiu deste geógrafo alemão o forte significado que a Geografia poderia ter para a compreensão do Estado, e, em termos mais amplos, para a constituição do poder.

Assim, percebe-se que a Geopolítica surgiu sob a égide da análise do Estado. É como se a Geopolítica tivesse como fundamento o estudo da articulação do Estado com uma determinada configuração espacial.

No entanto, como a Geopolítica adquiriu forma e autonomia como um campo de saber próprio, não subordinada a área do direito ?

Segundo Thorndike Jr. ( 1943 ) o primeiro homem que veio a configurar a Geopolítica como um corpo de pensamento autônomo que propiciaria a imediata vinculação entre o conhecimento geográfico e a ação política foi o Sir Halford Mackinder, vice-presidente da Royal Geographical Society e professor da Universidade de Londres. <sup>4</sup>

Sua obra trouxe a discussão da Geopolítica para o nível dos estados-maiores, tratando temas como o domínio das rotas marítimas, as áreas de influência de um país e as relações internas . <sup>5</sup>

Em 1919, Mackinder, que era militar, pôs sua teoria num livro chamado **Democratic Ideals and Reality** ( Ideais Democráticos e Realidade ). <sup>6</sup>

Pela formulação da teoria dos pontos nodais, Mackinder contrapôs à posição da Rússia Imperial, que se expandia pelo continente asiático, a posição da Grã-Bretanha que se expandia pelos mares. <sup>7</sup>

Mackinder destacou que do total da superfície do globo terrestre, 9/12 são água e 3/12 terra. Da área de terras, 2/3 consistem em uma grande massa contínua, combinação continental da África, Ásia e Europa. A esta massa de terra, Mackinder chamou de mundo-ilha ( World-Island ). Distante da costa desta massa estão dois pequenos grupos de ilhas: as ilhas Britânicas no oeste e as ilhas Japonesas a leste.

---

<sup>4</sup> CARVALHO, Delgado de - Geografia Humana e Econômica. Rio de Janeiro : s/d, 1929, p. 7.

<sup>5</sup> MORAES, Antonio Carlos Robert - "Ratzel e a Antropogeografia". Geografia - Pequena História Crítica . São Paulo: Hucitec, 1981, p. 59.

<sup>6</sup> THORNDIKE, Joseph J. Jr. "Geopolítica" - Boletim Geográfico nº 6, Rio de Janeiro : IBGE, 1943, p. 15.

<sup>7</sup> ANDRADE, Manuel Correia de - "O que é geopolítica" . Geopolítica do Brasil. São Paulo : Ed. Ática, 1989, p.6.

Além dos mares, estão as ilhas distantes, das quais os maiores são a América do Norte, do sul e Austrália.<sup>8</sup> No interior do chamado mundo-ilha, haveria a *área eixo*<sup>9</sup> que consistiria, principalmente, de uma grande planície, que ficaria entre o Extremo Oriente soberano e a bacia do Volga, e seria interrompido somente pelas montanhas baixas dos Urais. Ela incluiria, também, as terras altas iranianas no sudoeste e parte das terras altas da Mongólia no sudeste.<sup>10</sup>

Em torno da área-eixo, em um longo arco, estariam as terras costeiras, definidas como a área de drenagem para mares navegáveis. Toda a Europa, exceto parte da Rússia, pertenceria às terras costeiras. Também o Oriente Próximo, a Índia e grande parte da China estariam inseridos na área - eixo.<sup>11</sup>

A partir desta divisão territorial, Mackinder levantou três proposições, a saber: quem dominasse a área-eixo comandaria o mundo-ilha; quem dominasse o mundo-ilha comandaria o mundo.<sup>12</sup>

Após as novas interpretações às teorias de Kjellen introduzidas por Mackinder, o conhecimento geopolítico apresentou uma grande produção.<sup>13</sup> Ele passou a ter um sentido mais pragmático!

No entanto, se com a doutrina de Mackinder alcançou-se uma projeção internacional para a geopolítica, a ponto de a mesma ser adotada pelos cursos formadores de diplomatas, burocratas e dirigentes, a geopolítica alcançaria a expressão mais extrema, enquanto instrumento do Estado, a partir do uso de caráter militar. Tal fato ocorreria através do professor e militar, Doktor Karl E. Nikolas Haushofer ( 1869-1946 ).

Haushofer ingressou no Exército como oficial de Artilharia e, posteriormente, cursou a Academia de Guerra, a Universidade de Munique, a Escola de Estado-

---

<sup>8</sup> Idem, p. 16.

<sup>9</sup> No trabalho, Mackinder mostra, ainda, que todos os grandes movimentos dos séculos passados giraram em torno do domínio sobre a Europa Oriental in GOTTMANN, Jean - "Doutrinas Geográficas na Política". Boletim Geográfico nº 54, IBGE: 1947, pp. 649-658.

<sup>10</sup> ANDRADE, M. C. , op. cit., p. 17.

<sup>11</sup> Idem, p. 17.

<sup>12</sup> MAGNOLI, D., op. cit., pp. 24-25.

<sup>13</sup> CARVALHO, D. , op. cit., p. 7.

Maior, e ainda foi professor na Academia de Guerra ( dando a disciplina História Militar ) e na Escola do Estado Maior .<sup>14</sup>

Em 1918 chegou a publicar um livro relatando suas experiências de viagens na Ásia .<sup>15</sup> Além de, na imprensa, publicar vários artigos sobre Japão, Coréia, China, Rússia, Indochina, etc. Ao regressar à Alemanha, após ter combatido na França, Itália, Turquia e Rússia, durante a Primeira Guerra Mundial, ele retornou à Escola de Estado Maior para transmitir as experiências adquiridas no Extremo Oriente.<sup>16</sup>

No ano de 1919, depois de ter sido transferido, a pedido, para a reserva no posto de major - general, Haushofer habilitou-se à livre-docência na Universidade de Munique em 1921, onde exerceu as funções de professor de Geografia, e de Geopolítica, chegando a ser nesta instituição Deão ( decano ).<sup>17</sup>

Além da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e dos dois anos de experiência no Extremo-Oriente, outro aspecto que teve grande influência na formação geopolítica de Haushofer veio a ser os estudos de Rudolph Kjellen e os trabalhos de dois eminentes geógrafos ingleses - James Fairgrieve e Halford Mackinder .<sup>18</sup>

Entre os geógrafos conhecidos por Haushofer, podemos citar Obst e H. Lautensack, que o auxiliaram na criação da revista **Zeitschrift fur Geopolitik** ( Revista de Geopolítica ).<sup>19</sup> Aliás, uma pessoa que veio, nessa época, à facilitar os contatos entre Haushofer e os geógrafos foi seu filho Albrecht que era geógrafo e político.

Em 1924, ele chegou a publicar a obra **Geopolitik des Pazifischen Ozeans**. Neste opúsculo, Haushofer sustentava que a geopolítica deveria ser a consciência geográfica do Estado.<sup>20</sup>

---

<sup>14</sup> TOSTA, Coronel Octávio . “Teoria do poder terrestre”. Teorias geopolíticas. Rio de Janeiro : Bibliex, 1984, pp. 60-61.

<sup>15</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. “A geopolítica”. Introdução à geografia. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976, p. 61.

<sup>16</sup> TOSTA, O. , op. cit., p. 61.

<sup>17</sup> Idem, p. 61.

<sup>18</sup> Idem, p. 61.

<sup>19</sup> TROLL, C. “A Geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945”. Boletim Geográfico nº 83, Rio de Janeiro, IBGE, 1950, p. 1274.

<sup>20</sup> SODRÉ, N. W. S., op. cit., p. 61

A par da evolução do pensamento de Haushofer, existia, na época, uma grande efervescência intelectual pautada pelas discussões territoriais nas quais a linha de pensamento de Adolf Hitler passava a ser amadurecida. Foi sintomático, desse período pós-guerra, o lançamento, em 1924, da revista **Zeitschrift für Geopolitik**, acima mencionada, e ainda, a criação do Institut für Geopolitik, dirigido por Haushofer.<sup>21</sup>

Para entendermos essa época e o pensamento geopolítico reinante, cabe notarmos que o Tratado de Versalles, que tratou do pós-guerra entre as nações envolvidas na primeira Guerra Mundial, significou uma grande interferência nas possessões territoriais da Alemanha.<sup>22</sup>

Segundo o Tratado de Versalles, por exemplo, a Alemanha restituía a região da Alsácia-Lorena à França e renunciava a todas as suas colônias a fim de garantir o cumprimento das cláusulas do tratado, e ainda cedia a margem esquerda do Rio Reno e três cabeças de ponte na margem direita para serem ocupadas durante quinze anos, no máximo, pelas forças aliadas vencedoras.<sup>23</sup>

Sobre a paz, a partir do Tratado de Versalhes, assim se expressava o geógrafo Alfred Hettner em editorial da revista **Geographische Zeitschrift**, cujo título era *Paz e Geografia Política...*

*“A paz foi assinada. Uma paz terrível, não uma paz de reconciliação, ... O ódio dos franceses e o egoísmo brutal dos britânicos, que se cobrem com o manto farisaico da Justiça, inventaram o pior que puderam para acabar com a nação germânica... Nossa obra no mundo está destruída; nossa pátria desmembrada; nossa riqueza nacional nos foi tomada; nossa vida econômica está sob a carga de inúmeros gravames; e o que é pior, a nação alemã, que já quebrou sua espinha dorsal pelas privações da guerra e da lamentável revolução, assinou uma paz desonrosa”.*<sup>24</sup>

A vinculação entre Haushofer e o partido nazista se deu quando um de seus estudantes, Rudolf Hess, depois do fracasso do “putsch” da cervejaria de Munique, em 1923, apresentou seu professor a Adolph Hitler, que se encontrava na fortaleza de Landsberg, detido, e a escrever o **Mein Kampf**. A partir deste encontro, a

---

<sup>21</sup> Idem, p. 61

<sup>22</sup> MAGNOLI, D., op. cit., p. 13

<sup>23</sup> ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, edição de 1976, vol. 12, p. 6988.

<sup>24</sup> THORNDIKE, J. J., op. cit., p. 20

relação entre os dois cresceu, sendo atribuído a Haushofer uma influência na referida obra, especificamente no capítulo XIV.<sup>25</sup>

Haushofer veio a receber a carteira nº 3 do Partido Nazista .<sup>26</sup> Além disso, conforme Thorndike, Hitler fez da esposa judia de Haushofer e de seus dois filhos “arianos honorários”. E, em 1934, ele foi elevado a presidente da Academia Germânica.<sup>27</sup>

Em 1931, Haushofer fundou a Associação de Estudo de Geopolítica - “Arbeitsgemeinschaft für Geopolitik” . Após a ascensão de Hitler ao poder, essa Associação de Geopolítica foi transformada, em 1934, no Instituto de Geopolítica de Munique.<sup>28</sup>

Segundo, Thorndike, o Instituto deve ter executado uma série de trabalhos geopolíticos que normalmente teria sido fruto de uma seção de pesquisas de um Estado Maior Alemão que, na época, encontrava-se dissolvido pelo Tratado de Versalles.<sup>29</sup>

O Instituto apresentava uma grande estrutura. Segundo Thorndike, a partir de um levantamento de informações sobre o Instituto realizado pelo banqueiro inglês Eric Archdecon, que representava uma corporação americana na Europa e com atuação em Berlim, foi possível verificar a existência de ingressos financeiros por parte de indústrias germânicas ao *Institut für Geopolitik*. A partir desta informação, ele verificou uma notável rede de trabalho e a interdependência existente entre a indústria alemã, os departamentos de governo, as universidades e o Partido Nazista. Haushofer e o seu Instituto formavam o centro ideológico desta rede,<sup>30</sup> o que gerou uma profunda repercussão sobre a vida acadêmica da Geografia, e, mais especificamente, na Geopolítica, o nazismo já passou a interferir na vida da Alemanha ao estabelecer normas de conduta e estudo.<sup>31</sup>

---

<sup>25</sup> VALKENBURG, Samuel Van. “Escola Germânica de Geografia”. Boletim Geográfico nº 159, Rio de Janeiro: IBGE, p. 981.

<sup>26</sup> MOREIRA, Ruy. “A história da geografia recontada”. O que é geografia. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 41

<sup>27</sup> THORNDIKE, J. J., op. cit., p. 20

<sup>28</sup> A famosa revista mensal *Zeitschrift für Geopolitik*, então fundada e dirigida por Haushofer, transformou-se numa espécie de órgão oficial do Instituto. In TOSTA, O. , op. cit., pp. 60-63 .

<sup>29</sup> THORNDIKE, J. J., op. cit., p. 19.

<sup>30</sup> Idem, p. 18.

<sup>31</sup> VALKENBURG, S. V. , op. cit. , p. 985.

O período de 1933-1939 foi acompanhado por grande produção de livros e artigos sobre várias partes do mundo, já que, para a época, era mais “seguro” escrever sobre países estrangeiros do que sobre o seu próprio país, pois a vigilância e o patrulhamento ideológico eram muito acentuados. Além deste aspecto, cabe destacar a importância que estes estudos tiveram, mais tarde, no apoio à guerra, ou seja, os vários artigos e viagens realizados não deixaram de orientar decisões no campo de guerra.<sup>32</sup>

No entanto, a relação entre Hitler e Haushofer foi estreita até o advento da intervenção na Rússia pela Alemanha ( 1942 ) .

Era pensamento de Haushofer de que a Alemanha deveria adquirir o controle da área-eixo situada na Europa Oriental, uma vez adquirida, a Alemanha poderia invadir toda a Europa Ocidental e o Mundo-Ilha. Ele previa uma espécie de colaboração entre Alemanha e Rússia, sob a liderança alemã, para assim lutar, com maior probabilidade de sucesso, contra a Inglaterra, a América e seus satélites.<sup>33</sup>

No entanto, Haushofer não encontrava-se sozinho na elaboração e legitimação teórica do expansionismo alemão. Em oposição a ele, existia o “filósofo” nazista, o Dr. Alfredo Rosenberg. Rosenberg pregava uma tática oposta a de Haushofer, ou seja, defendia uma aliança com a Inglaterra e uma guerra contra a “ameaça comunista”, representada pela União Soviética.<sup>34</sup>

A princípio, Hitler estabeleceu um tratado com a Rússia - o Acordo Ribbentro-Molotov, de 23/8/39 - e abriu um flanco de luta a oeste, como Haushofer indicou, embora este soubesse que a conquista da área-eixo só se faria ao longo dos anos. Mas, quando a Rússia passou a apresentar hostilidades ao acordo traçado, Hitler retomou as idéias de Rosenberg e atirou-se à guerra contra a Rússia, esperando rápida vitória.

Desgastado pela guerra e pela dor provocada pelo assassinato de seu filho Albrecht<sup>35</sup> pela Gestapo, que o considerou um traidor, Haushofer faleceu após a guerra.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> Idem, pp. 985-986.

<sup>33</sup> THORNDIKE, J. J., op. cit., pp. 20-21.

<sup>34</sup> Idem, p. 21.

<sup>35</sup> Os seus poemas, elaborados na prisão, *Sonetos Moabitano*s, são um documento de sua profunda agonia. ( C. TROLL, 1950, op. cit, p. 1277 )

<sup>36</sup> SODRÉ, N. W., op. cit., p. 64.



Em resumo, a Geopolítica apresentou, no período 1920-45, três grandes mudanças, a saber: a ) foi acentuado o tratamento do Estado enquanto um organismo, tornando-se, assim, necessário defender ou conquistar os órgãos vitais na forma de territórios para o Estado <sup>37</sup> ; b ) foi demonstrada a potencialidade da Geopolítica enquanto um conhecimento voltado para a guerra <sup>38</sup> ; c ) foi diversificado o leque de preocupações da Geopolítica, a disciplina passou a ver questões relacionadas à raça, migrações, ocupação humana, transporte, além de espaço e situação . <sup>39</sup>

Com a queda do nazismo, ocorreu não só a depreciação de argumentos racistas, favoráveis à raça ariana, como também da própria geopolítica. No entanto, ela veio a se alastrar nos meios diplomáticos, nas escolas de oficiais, além, é claro, no Estado Maior das Forças Armadas.

Mas, devemos observar que os grandes movimentos da geopolítica acompanham de perto o equilíbrio de forças entre as nações. Deste modo, com o aniquilamento da Europa, e mais especificamente da Inglaterra, enquanto líder das relações internacionais, a evolução da geopolítica passou a ocorrer com maior profusão nos Estados Unidos e na União Soviética, enfim, nos novos líderes mundiais.

Correlato à esta consideração sobre as linhas na geopolítica, analisamos também a formação territorial do Brasil, para então destacarmos o aspecto mais estratégico da situação contemporânea. Assim, duas questões guiavam a introdução do curso, a saber, como foi possível ao Brasil chegar ao tamanho que alcançou (valoriza, três vezes a Índia, mais que a Europa Ocidental, ainda, os EUA cresceu mas tudo na pancada ) e ainda como foi possível manter o território.

## Na UFF

Ingresso na Universidade Federal Fluminense em 1992 , pouco tempo depois iniciava um grupo de estudos geopolíticos tendo como reflexão inicial o

---

<sup>37</sup> GICOVATE, Moisés. "Geografia Política e Geopolítica". Manual de Geografia Humana, s/data, p. 61.

<sup>38</sup> MORAES, A. R., op. cit., p. 59 .

<sup>39</sup> TOSTA, O., op. cit., p. 24.

Mercosul. O grupo envolvia três alunos de graduação e a indagação que o animava era sobre se o bloco poderia ser considerado como uma experiência que significaria uma oposição aos interesses norte-americanos que à época promovia a Associação de Livre Comércio para a América (ALCA) ou, pelo contrário, seria uma fase de transição que culminaria na própria ALCA.

No entanto, havia uma notória dificuldade de implementação da investigação dada a carência de recursos e com isto nos vemos forçados a ultimar um levantamento bibliográfico sem chance de melhor conhecer a realidade indo a campo.

Neste íterim, abril de 1994, nos veio então a ideia de estudarmos um conflito que nos foi dado a conhecer ao tempo do trabalho junto à empresa de consultoria Monasa (1983-1986) que era a luta entre os municípios fluminenses (Cantagalo e Cordeiro ) pela arrecadação tributária auferida pela presença de três fábricas de cimento. Em seguida o grupo se ampliou quando então passamos a adotar uma perspectiva mais concreta em nossas preocupações, o grupo assim denominou-se Grupo de Estudos Geopolíticos (mais conhecido por JEGUE (sic) ) começamos a analisar conflitos territoriais tendo por referência limites cartográficos. Especificamente passamos a analisar o conflito entre dois municípios fluminenses devido a limites mal definidos.

Já no doutorado, iniciado em 1995, a preocupação com limites territoriais e seus potenciais conflitos se desdobrou e se tornou maior porque veio a analisar a situação de como um dado limite entre um Distrito Federal (no caso Rio de Janeiro ) e um estado da federação (no caso Rio de Janeiro ) se tornou limite inter-estadual (entre Guanabara e o do Rio de Janeiro, já que ocorreu a transferência da capital para Brasília) e 15 anos depois o mesmo limite se torna intermunicipal já que o então estado da Guanabara se torna apenas um município do novo estado do Rio de Janeiro. A tese foi defendida em 1998.<sup>40</sup>

Depois do doutorado retomei as aulas de graduação e pós-graduação na área de geografia política.

---

<sup>40</sup> Este período rendeu diferentes enfoques sobre a questão dos limites que podem ser conhecidos pelo link virtual - <http://www.feth.ggf.br/Obra1.htm>

Esta nova fase do ensino da geografia política abre um claro contraste com o modo como ensinava a disciplina na década de 80.

Na sala de aula em tempos mais recentes se criticava a valorização dos estados na consideração da geografia política. Com o tempo, passei a dar atenção às corporações empresariais, de início imaginava a questão da rede, a globalização, o espaço virtual, o processo de uma certa desterritorialização (que de fato existe a partir destes novos meios comunicativos pelos quais a informação ocorre instantaneamente (p. ex. uma mensagem no facebook não demora para chegar, não conhece fronteira)). Logo, o componente tecnológico (rede etc.) articulado ao caráter empresarial significava a nova forma de uma geografia política, ou seja, uma geoeconomia na perspectiva do poder. Todas as situações políticas refém de um cálculo econômico.

Ao longo dos anos após a realização do doutorado esta veio a ser a linha que seguia. Para tanto, como uma forma de exercício didático, solicitava em cada semestre diferentes seminários para perscrutar as diferentes dimensões da geoeconomia numa perspectiva política.

Porém, qual não foi minha surpresa num trabalho sobre guerra virtual realizado com alunos em sala de aula percebi que a questão Estado é vital ao processo. Ou seja, em que pese toda a mudança verificada no mundo, particularmente para quem o analisava numa perspectiva geopolítica na década de 80 e o ainda analisa atualmente, é forçoso reconhecer o estado como um dos elementos norteadores do processo atual. Porém, com cor diferente, ou seja, no exemplo em pauta, no caso da guerra virtual, no qual a Rússia tem particular papel, notamos que a lógica que orienta os hackers tem uma clara ação camuflada com chancela de governo. Ora, é uma situação pela qual se impõe uma nova consideração sobre que geopolítica os estados desempenham hoje.

Por mais que tenhamos uma situação pela qual a rede tecnológica de informação/comunicação unifique a todos e supere fronteiras, no campo da guerra o estado nacional é decisivo. O que gesta uma reinterpretação da geografia política (ou geopolítica) porque de um lado temos combinação de variáveis que ensejam um mundo sem fronteira, por outro lado as armas ainda seguem um lógica nacional.

Há um conteúdo pelo qual, ao tempo da década de 80, a chancela dos estados no campo das armas , da moeda, era vital; hoje, vivemos a situação de estarmos há 67 anos sem guerra em grandes proporções , tal como ocorreu na primeira metade do século XX, assim, as armas servem como meio de dissuasão (particularmente o poder nuclear) mas não é só isto que submete as nações; assim como, a ascendência dos estados no campo da economia diminuiu muito, parte da crise de 2008 tem relação direta com a desregulamentação do setor financeiro norte-americano; porém, até certo o Estado se mostra decisivo que é o campo da informação. A sua jurisdição sobre a palavra, sobre as regras gramaticais, sobre o licenciamento ao canais de tv, livre curso dos sites e blogs; enfim, há um campo mais propriamente vinculado ao imaginário que empresa alguma consegue, pelo menos até o momento, substituir. Assim nos reportaríamos à simbologia; os signos, os sinais têm força!

Houve um tempo da palavra oral, houve um tempo da palavra escrita, agora temos um tempo da imagem. A comunicação instantânea , a ciência da composição das cores, o uso programado na intensidade da luz, enfim, tudo isto vai na direção de gerar uma nova rede de poder. A propaganda, os anúncios, os invólucros ... a denominação das áreas, os eventos marcando nomes, enfim, há uma simbologia que via cinema , tv, e internet aufere uma nova forma de concepção de induzir comportamentos, iniciativas, reações etc.

Como então isto adentra o campo da geografia política ?

Novamente a ambigüidade, porque por mais que ocorram os acordos com diferentes países sobre regras da comunicação, ainda é no âmbito do e Estado que a questão da linguagem está submetida. É pelo Estado que se reconhece uma língua nacional (ou mais de uma); é pelo Estado que temos regras que orientam o acesso do público às imagens. Enfim, a produção destas é global, mas a chancela de sua veiculação ainda continua sendo nacional.

## **CONCLUSÃO:**

Tanto a história da Geografia política quanto a da geopolítica contém no Estado seu eixo de estruturação. E por mais que tenham ocorridas mudanças nos

últimos anos o desafio não é o de suprir o Estado da análise do mundo contemporâneo mas como ele se mantém por formas que até então não se vislumbrava.

**Fonte de consulta**

**BIBLIOGRAFIA:**

ABREU, João Capistrano de - Caminhos antigos e o povoamento do Brasil , recentemente reeditada pela editora Universidade de Brasília, junto com uma outra obra do mesmo autor - Capítulos da história colonial ( 2ª ed. Brasília : Ed. UNB, 1998 ).

ANDRADE, Manuel Correia de Andrade - As raízes do separatismo no Brasil . Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

\_\_\_\_\_ - Geopolítica do Brasil . Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1989.

BECKER, Bertha Koiffman - “ A Geografia e o resgate da geopolítica ” Rev. Bras. Geografia, Rio de Janeiro, ano 50, n. especial, t. 2, pp. 99-126, 1988.

BECKER, Bertha Koiffman et EGLER, Claudio- Brasil: Uma nova potência regional na economia-mundo, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1993.

BENKO, G. Economia, espaço e globalização. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_ A galáxia da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003

CASTRO, Iná Elias de – Geografia e política. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2005.

CLAVAL, P. Espaço e poder. Zahar Editora, RJ. 1979.

COSTA, Wanderley Messias O estado e as políticas territoriais no Brasil . 2ª edição. São Paulo: Ed. Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1992.

DREIFUSS, René Armand - A época das complexidades, 2ª edição. Petrópolis ( RJ ): Ed. Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_ - Transformações: matrizes do século XXI. Petrópolis ( RJ ): Ed. Vozes, 2004.

EVANGELISTA, Helio de Araujo - Geopolítica . Revista de Geociências, Instituto de Geociência da UFF, ano 1, nº 1, pp. 6 – 14, Jan/Dez. 2000.

FOUCHER, Michel L'invention des frontières . Paris: F.E.D.N. 1986

\_\_\_\_\_ Fronts et frontières ( un tour de monde géopolitique ) . Paris:Ed. Fayard, 1988.

GALLOIS, Pierre M. . Geopolitique. Les voies de la puissance. Paris: Fondation des Études de Défense, 1991.

KENNEDY, Paul . Ascensão e queda das grandes potências : transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

LACOSTE, Yves – Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra , trad. Maria Cecília França. Campinas, SP : Papyrus, 1988.

LAPRADELLE, Paul . La frontière - étude de droit international . Paris : Les éditions internationales, 1928.

MACKINDER, Halford J. “ O Mundo Redondo e a Conquista da Paz” in Boletim Geográfico nº 118, IBGE, pp. 80-84, 1954.

MACHADO, Alcântara – Vida e morte dos bandeirantes. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MAGNOLI, Demétrio - História das guerras.3ª edição São Paulo: ed. Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_ - O corpo da pátria - imaginação geográfica e política externa no Brasil ( 1808 - 1912 ) . São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Moderna, 1997.

\_\_\_\_\_ - O que é geopolítica. São Paulo, Brasiliense, 1988.

MARTIN, André . As fronteiras internas e a “questão regional” do Brasil. Orientador: Armando Corrêa. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1993. Dissertação ( Doutorado em Geografia )

\_\_\_\_\_ . Fronteiras e nações. São Paulo: Ed. Contexto, 1992.

MATTOS, Carlos de Meira . Geopolítica e modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Bibliex, 2002

MATTOS, Gen. Meira - A geopolítica e as projeções do poder . Rio de Janeiro: Bibliex, 1977.

\_\_\_\_\_ - Geopolítica e teoria das fronteiras , Rio de Janeiro: Bibliex, 1990.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem medo da geopolítica ? São Paulo: Ed. Hucitec/Edusp, 1999.

MIYAMOTO, Shiguenoli. Geopolítica e poder no Brasil. São Paulo: Ed. Papyrus, 1995.

MORAES, Antonio Carlos R. “ Geopolítica da instalação portuguesa no Brasil”. Revista História da Universidade de São Paulo, s/d.

\_\_\_\_\_ - Geografia - Pequena História Crítica . São Paulo: Hucitec, 1981, p. 59.

NOVAIS, Fernando - Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial ( 1777 - 1808 ) . São Paulo: Ed. Hucitec, 1979.

PEREGALLI, Enrique. Como o Brasil ficou assim ? 4ª edição. São Paulo: Global editoras, 1986.

OHMAE, K. O fim do Estado-nação. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1996.

PRADO JÚNIOR, Caio . Formação do Brasil contemporâneo, 22ª edição . São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

PRESCOTT, J.R.V. . The geography of frontiers and boundaries. Chicago: Aldin Publish Company, 1965.

\_\_\_\_\_. Boundaries and frontiers. S/l: Croom Helm ( ed. ) , 1978.

\_\_\_\_\_. Political frontiers and boundaries . London: ed. Allen & Unwin, 1987.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude et Guichonnet, Paul . Géographie des frontières , Paris: Presses universitaire de France, 1974 .

RATZEL, Friedrich . Géographie politique. Traduction Pierre Rusch. 1ª versão em alemão no ano de 1841. Paris: Ed. Economica, 1988.

RAYNAL, Guillaume-Thomas François Abad – O estabelecimento dos portugueses no Brasil . Rio de Janeiro/Arquivo Nacional; Brasília/UNB, 1998.

RICARDO, Cassiano. Marcha para o Oeste. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2 vols., 1959.

- SCHILLING, Paulo R. - O expansionismo brasileiro...a geopolítica do General Golbery e a diplomacia do Itamarati. São Paulo: Global Ed., 1981.
- SCHWARTZMAN, Simon . As Bases do autoritarismo brasileiro . Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1982.
- SILVA, Golbery do Couto e . Conjuntura política nacional: o Poder Executivo & Geopolítica do Brasil , 3ª edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à geografia. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.
- THORNDIKE, Joseph J. Jr. “Geopolítica” - Boletim Geográfico nº 6, Rio de Janeiro : IBGE, 1943.
- TOSTA, Coronel Octavio - Teorias Geopolíticas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984.
- TROLL, C. “A Geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945”. Boletim Geográfico nº 83, Rio de Janeiro, IBGE, 1950.
- SODRÉ, Nelson Werneck - Introdução à geografia . Teresópolis: Ed. Vozes, 1977.
- VALKENBURG, Samuel Van. “Escola Germânica de Geografia”. Boletim Geográfico nº 159, Rio de Janeiro: IBGE.
- VELLOSO, João Paulo dos Reis ( org. ) - O Brasil e o Plano Bush: oportunidades e riscos numa futura integração das Américas São Paulo: Ed. Nobel, 1991.
- VESENTINI, José William - Brasília - A capital da geopolítica. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_ - Novas geopolíticas . São Paulo: Ed. Contexto, 2004.